

O NATAL E A MISSÃO

Conexões lógicas e/ou hipotéticas entre o transbordar da vida trinitária no mundo (= a missão) e as personagens que protagonizam o feliz e humilde aparecimento de Cristo em Belém da Palestina.

=====

A força trinitária que realizou o universo durante treze bilhões e setecentos milhões de anos e plasmou a humanidade durante os últimos cinquenta mil anos, a mesma força que se concentrou em forma de nuvem sobre Israel fugindo do Egito e empurrou reis e profetas a pintarem os caminhos que o povo de Deus devia percorrer, é aquela força que agora, em forma de exército angélico, se concentra sobre Maria, José e Jesus situados numa barraca de pastores. Natal é a primeira versão humana e histórica do agir da Trindade no espaço incomensurável da criação. Entre a missão e o Natal não há alguma distância. Pelo contrário, entre a missão e o Natal há coincidência plena e total. Mas que consciência tem deste mistério de total coincidência entre a missão e o Natal as personagens que, diretamente, tem a ver com aquilo que aconteceu naquela barraca de pastores? Vejamos, apressadamente, aqueles personagens, um por um: Maria, José e Jesus, os anjos, os pastores, os magos, Herodes e Quirino, os inocentes.

MARIA. Apesar de ser a mãe de Deus, Maria entende nem o 30% daquilo que está acontecendo com ela e com a sua

família. Para conseguir alguns esclarecimentos, Maria que já conversou com o arcanjo Gabriel e conhece a língua do céu, tem que escutar agora a voz dos rudes e analfabetos pastores. Ela poderia telefonar ao Agostinho, ao Anselmo, ao Ratzinger ou ao Bruno Forte, mas nenhum deles ainda tem nascido. Embora menino de 45 cm. de comprimento, Jesus é já um grande mistério e abre boca somente para chorar. Pudesse pelo menos conversar com o biblista Gianfranco Ravasi, mas este é ocupadíssimo em encontrar os gentios e não tem interesse em saber dos problemas dos fiéis. Pode ser que tenha telefonado ao Mario ... Mario, você sabe alguma coisa sobre as dúvidas e os pressentimentos da Imaculada Conceição?

JOSÉ. Ele é mais angustiado do que a sua esposa. O menino que nasceu é seu ou é dela? É seu ou de outro homem por aí? Não sabe responder, mas deve danar-se para proteger e salvar uma criança que não se sabe de onde veio. Os sonhos o mantêm despertado dia e noite, mas ele acredita pouco nos sonhos. Acha que a sonhar é só quem não trabalha, quem não deve ganhar o pão. Mas se sente obrigado a proteger aquele menino. Se não era seu quando estava no ventre de Maria agora pouco importa. Agora é seu. Agora só José pode salvar o filho de quem projetou as galáxias e os oceanos, as forças mágicas que regem a gravitação dos sistemas celestes e a luz que alcança uma distância de trezentos mil quilômetros num só segundo. O problema é assumir, e José assume enquanto, de olhos fechados, não poupa um centésimo de suas forças.

OS ANJOS. Um saco destes seres misteriosos e, se queremos, amáveis, estão perturbando a noite. José está disposto a se queixar com eles: "Saímos da cidade para vivermos em paz e eis que eles estão esvoaçando e gritando por todo lado". "Se vê, José, que você não é pratico de anjos- lhe diz o primeiro dos pastores a chegar- os anjos são servidores de Deus. Onde eles passam, aí passa Deus". "Entendo alguma coisa do que estão dizendo estes anjos, responde José, parece que estão falando de paz, mas é com este barulho que se transmite a paz?". "Se acalme, José. O menino que te nasceu, o trouxeram eles, lançando-o das estrelas...".

OS PASTORES. Na escala de valores da sociedade judaica, os pastores ocupam o último lugar. Por mexerem com a terra dos campos e com os bichos, são carregados de impureza e não podem entrar no templo de Salomão. Nem sequer calçam sapatos e isso agrava ainda mais a sua condição de excluídos. Mas o que mais os afasta da comunidade civil é que eles são todos amasiados e, mesmo entrando na igreja, não podem comungar. Mas são carinhosos e de olhos transparentes. Querem ver Jesus e lhe oferecer algum bicho recém-nascido. Falam com o menino e dizem coisas maravilhosas. Maria escuta todos e, mesmo não entendendo, diz a José: "Estes sim que são teólogos, estes sim que são missionários".

OS MAGOS e HERODES. Os magos vem de longe: Melchior vem da Pérsia e professa a religião de Zaratustra. Gaspar vem da Etiopia e professa a religião da rainha Candace. Baltazar vem da Europa e professa a religião dos

Nibelungos, própria de muitas tribos da Alemanha. Em vez que saber de batismo e dos outros sacramentos, misturam deuses de diferentes categorias e são especializados na magia e na astrologia, as ciências mais importantes da época, após a filosofia grega e o direito romano. Apesar de não se conhecerem, se encontram em Jerusalém, nas proximidades da Torre Antônia. Falam a koiné dos gregos e se metem logo de acordo em pedir, nada mais nada menos que a Herodes, informações a respeito do filho de Deus que deve ter nascido nas vizinhanças da capital. Herodes, mais árabe que judeu, fica admirado e pergunta: "Por que vocês procuram um judeu recém-nascido?". "Porquê é filho do Deus de Israel, dizem os magos, é filho do Deus que criou todos os povos e abençoou todas as religiões". "Boa viagem, para vocês, responde Herodes. Há poucos dias fui informado pelo chefe da nossa universidade que a criança que vocês procuram deve ter nascido em Belém, a oito km. da minha modesta residência. Adeus". Mas os magos não tinham ainda saído do portão central e atravessado a rua quando Herodes chamou o mais confiável dos seus servidores: "Iscairiot, você guardou a espada com que matou minha mulher e os seus dois filhos?". "Com certeza, majestade. O que posso fazer de novo e bonito por sua excelência?". "Fique só de prontidão" respondeu Herodes e se retirou nos seus sacros aposentos.

QUIRINO, o governador da Síria que tinha organizado no oriente próximo o recenseamento que Augusto queria fosse estendido para toda a terra. Quirino era italiano do Lacio por ter nascido in Lanuvio, uma cidade que hoje conta 10 mil habitantes e se encontra a 30 km. de Roma em direção a

Nápoles. A notícia nos vem dos *Annales* de Tácito (I/II século), o historiador que não tinha papas na língua e afirmava que o império romano era só "arrancar, roubar e matar". Quirino era um político frio e calculador e só lhe interessava a carreira. Por isso deu uma ordem igual para todos: cada cidadão tinha que se registrar na cidade natal, independentemente da distância que devia percorrer e do meio de transporte à disposição. Para Quirino, viajar de burro, de barco, de carro ou de avião era a mesma coisa. Eis o superior inteligente que pretende tratar todo mundo da mesma maneira.

OS INOCENTES. Podiam ser quinze ou, ao máximo vinte crianças. Mas Herodes queria aproveitar do caso para provar a sua estratégia ou a sua superioridade. Numa palavra, queria ser como os que mandavam em Roma: Tiberio, Nero ou Calígula. Herodes tinha já matado muitos subalternos, além da esposa e dois filhos. O historiador Macrobio (V século) afirmava que na casa de Herodes os porcos tinham mais sorte do que os filhos, visto que, por refinadas razões religiosas, os filhos se podiam matar mas não os porcos. Desta forma, os inocentes massacrados iam se tornar anunciadores da morte de Jesus, iam ser seus profetas e missionários, embora Jesus não estivesse ainda em condição de falar, embora não soubesse nada da missão e do pluralismo religioso. Um autor, que se lia em latim, no breviário do passado, dizia que os inocentes sustentavam e regiam a Igreja brincando sob o altar com ramos de palmeiras. Tudo como hoje: são sempre os inocentes desconhecidos que pagam. Ninguém os contou, mas são milhões se não bilhões. São os famintos, os

doentes, os posseiros, os desempregados, os analfabetos... São eles que mantêm aberto o caminho do Reino, embora não compareçam em nenhuma lista de nenhuma igreja, de nenhuma ordem missionária.

SAVINO MOMBELLI

Belém do Pará, 02.01.2012.